



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:**  
**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E INTERDISCIPLINARES**

**GERALDO LUIZ LEITE**

**AS DIFERENÇAS CULTURAIS NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO INFANTIL  
E FUNDAMENTAL ANTONIO ALVES DA SILVA, JURU – PB**

**PRINCESA ISABEL - PB**

**2014**

**GERALDO LUIZ LEITE**

**AS DIFERENÇAS CULTURAIS NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO INFANTIL  
E FUNDAMENTAL ANTONIO ALVES DA SILVA, JURU – PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Estado da Educação do Estado da Paraíba, com concentração na Linha de Pesquisa: Diversidade, linguagens e formas de interação, como pré-requisito para a conclusão do referido curso neste ano de 2014.

**Orientador: Prof. Dr. José Pereira da Silva**

**PRINCESA ISABEL – PB  
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L533d Leite, Geraldo Luiz

As diferenças culturais na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Antonio Alves da Silva, Juru PB [manuscrito] / Geraldo Luiz Leite. - 2014.

38 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof. José Pereira da Silva, Departamento da Educação".

1. Diversidade Cultural. 2. Educação. 3 Pedagogia Interétnica. I. Título.

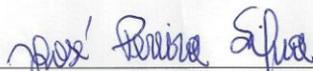
21. ed. CDD 306

**GERALDO LUIZ LEITE**

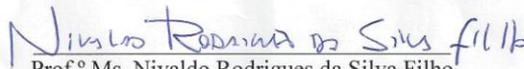
AS DIFERENÇAS CULTURAIS NA EMEIF – ANTÔNIO ALVES DA SILVA, JURÚ  
- PB

Monografia apresentada ao curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba em convênio com a Secretaria de Educação Estado da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

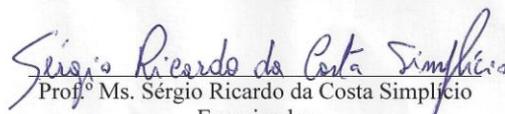
Aprovada em 26 de julho de 2014



Prof.º Dr. José Pereira da Silva  
Orientador



Prof.º Ms. Nivaldo Rodrigues da Silva Filho  
Examinador



Prof.º Ms. Sérgio Ricardo da Costa Simplicio  
Examinador

## **DEDICATÓRIA**

Ao meu orientador, professor José Pereira da Silva, pelo incentivo, disposição, dedicação e presteza, no auxílio das atividades e discussões sobre o andamento e normatização desta monografia de conclusão de curso. Ao professor Nivaldo Rodrigues pelas orientações que me deu para a confecção deste trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Principalmente a DEUS, pela oportunidade, força espiritual e privilégio que me foi dado em compartilhar, tamanha experiência e frequentar este curso.

Ao meu orientador, Nivaldo Filho, pelo cuidado, dedicação e responsabilidade em transmitir os conteúdos necessários para a construção desta monografia.

À minha família, pela paciência, em aceitar a minha ausência. Em especial a minha esposa, que muito contribuiu me incentivando a nunca desistir dos meus ideais de conquista, aos meus filhos que me dão a alegria de seguir em frente. Ao meu colega o professor Pablo Cristiano que me ajudou neste trabalho, digitando e organizando.

A todos os amigos, colegas e colaboradores pela cumplicidade, ajuda e amizade, que com carinho e dedicação me ajudaram com empréstimos de livros, artigos e referências para coleta de dados, além do apoio e das orações.

## RESUMO

Neste trabalho, reflete-se, de maneira geral, sobre algumas possibilidades teóricas e práticas de abordagem da diversidade cultural, relacionada com as situações de aprendizagem no âmbito da educação escolar. Nossa abordagem metodológica se centra em um estudo bibliográfico sobre o tema, tendo como referência minha experiência como professor na escola que leciono, com a execução de nosso projeto intitulado. “A Necessidade do respeito e a valorização das diferentes culturais desde cedo no ambiente escolar”. Analisamos as políticas educativas quanto a preocupação para com a questão da diversidade cultural no contexto escolar; as implicações que a questão da diversidade cultural implica no processo ensino e aprendizagem. O que se ensina, assim como a seleção do que é ensinado, não se dá de forma neutra nem desvinculada de certas concepções sociais e políticas. A aprendizagem cultural transmitida por meio da educação escolar suscita, então, muitas indagações e provocações e, ao mesmo tempo, merece ser concebida como uma fronteira de disputa de quais saberes sociais, históricos, políticos e culturais devem fazer parte do conhecimento dito universal da humanidade. Concluimos que, como princípio educativo, a diversidade cultural deve levar-nos a rever constantemente os valores políticos, sociais e culturais de compreensão do outro. Lançar mão desse princípio significa, ao mesmo tempo, entender o saber e a cultura como parte da produção sócio-histórica de determinada sociedade e também problematizar os ditos valores sociais e culturais universais.

**Palavras-chave:** Diversidade cultural. Educação. Pedagogia interétnica.

## **ABSTRACT**

This work is reflected, in general, on some theoretical possibilities and practical approach to cultural diversity, related to the learning situations in the context of school education. What is taught, as well as the selection of what is taught, not giving a neutral or detached from certain social and political conceptions way. The cultural learning transmitted through education, then, raises many questions and provocations and at the same time, deserves to be conceived as a border dispute which social, historical, political and cultural knowledge should be part of universal human knowledge told. As an educational principle, cultural diversity leads us to constantly review the political, social and cultural values of understanding the other. Make use of this principle means at the same time, understand and learn the culture as part of the socio-historical production of a given society and also problematize said universal cultural and social values.

**Keywords:** Cultural Diversity, Education, Interethnic Pedagogy.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO 1: EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE CULTURAL.....	10
1.1. CONCEITO SOBRE DIVERSIDADE.....	11
1.2. DESAFIOS DA DIVERSIDADE CULTURAL.....	13
1.3. ESCOLA X CULTURA: EDUCAR PARA A DIVERSIDADE.....	15
1.4. APROXIMAÇÃO AOS CONCEITOS DE EDUCAÇÃO MULTI E INTERCULTURAL NUMA ABORDAGEM EDUCATIVA.....	21
1.4.1. EDUCAÇÃO MULTICULTURAL.....	22
1.4.2. EDUCAÇÃO INTERCULTURAL.....	25
1.5. DIVERSIDADE CULTURAL NO CONTEXTO ESCOLAR.....	27
1.6. DIVERSIDADE CULTURAL NO CONTEXTO DE SALA DE AULA.....	32
1.7. O PAPEL DO PROFESSOR FACE A DIVERSIDADE CULTURAL.....	35
CAPÍTULO 2: PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS.....	39
CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

## INTRODUÇÃO

A escola é um espaço sociocultural em que as diferenças se encontram, mas será que essas diferenças são tratadas de maneira adequada? Será que a garantia da educação escolar como um direito social possibilita a inclusão de todos os tipos de diferenças dentro desse espaço? Essas questões nos motivaram a realizar um estudo, porque muitas vezes as crianças não querem socializar-se com outros. Na escola Antonio Alves nesse ano de 2013 aconteceu um nucleamento, onde algumas escolas rurais próximas a sede, foram remanejadas, e é nítido, que ainda não houve uma total integração entre os alunos, alguns sendo vítimas de bullying e outros ficando quietinhos no seu lugar sem se integrar com ninguém.

Na preocupação de ver as crianças todas integradas e incluídas, surgiu a necessidade de mostrar as diferenças e a riqueza em aprender tantas coisas novas, além de conscientizar sobre a importância do respeito ao outro desde cedo, pois o respeito que queremos é o que temos de dar, por isso, a reflexão sobre as diferentes presenças na escola e na sociedade brasileira deve fazer parte da formação e da prática de todos/as os/as educadores/as que muitas vezes não sabem como conduzir situações do cotidiano, onde fica notório o desrespeito, o *bullying*, a desigualdade entre as crianças.

O trabalho seguiu do nosso interesse pelo tempo a algum tempo e, também, em função da nossa experiência na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Antonio Alves da Silva, Juru – PB, onde percebemos problemas relacionados a esta temática. Nesta escola percebemos alguns problemas com relação à dificuldade na socialização entre algumas crianças e a integração entre eles. O problema é tão notório que nas brincadeiras dirigidas por professores do ensino fundamental I, ações executadas com frequência na hora do recreio, algumas criança se negam até pegar nas mãos das outras por causa da cor e até por causa da posição social. Mesmo havendo intervenção dos professores. Esse comportamento mostra que apesar de ser pregado o respeito e a igualdade, falta viver o que esta no papel. Essa conduta decorre de uma sociedade classificatória, que não valoriza e nem respeita as diferenças sócias culturais. E precisa urgentemente ser mudada, iniciando não na escola, mas nos lares desde muito cedo.

A escola é vista como um espaço sociocultural, pois é entendida como um espaço social próprio. Ela é uma instituição formada por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos sujeitos e diariamente possui uma complexa trama de relações sociais entre sujeitos envolvidos que inclui em seu cotidiano alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais e coletivas, de contravenção e de acordos. Nela

há diversidades culturais, e se refletirmos sobre essas diferenças verá que ela aparece numa amplitude de formas de comportamento, de inteligência, de esperteza, de beleza, de cultura, de linguagem, de classe social, de raça, de gênero, de idade.

Nesse sentido, a discussão a respeito da diversidade cultural segue baseada na visão de (GARDNER, 1995); (MANTOAN, 2002); (PERRENOUD, 2001) e (SENRA, 2008), não pode ficar restrita à análise de um determinado comportamento ou de uma resposta individual, mostrando que o processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que vão dando forma à vida escolar. Desta forma o processo educativo recoloca a construção do novo, ao mesmo tempo resgata o papel ativo dos sujeitos, na vida social e também na escolar.

Acreditamos que o nosso trabalho traz uma contribuição significativa para o campo da educação por que conscientizando os alunos desde cedo sobre a valorização da diversidade de costumes (sejam nas brincadeiras, na fala, nas ações), no respeito ao próximo tal como ele é, além de formar-se na escola um espaço harmonioso, ainda haverá a troca de saberes aumentando mais ainda a visão dos que ali convivem.

A cultura e o saber da comunidade fazem parte da vida do estudante a ponto de constituírem a educação com a qual ele chega à escola. As crianças, os adolescentes e os jovens formam-se na comunidade. Nela produzem e desenvolvem hábitos, atitudes, sentidos, conhecimentos, destrezas e competências. Essa educação faz com que eles sejam quem são quando chegam à escola com a educação vivenciada na família e na comunidade.

O seu saber e patrimônio cultural não podem ser desrespeitados, nem devem ser apenas o ponto de partida para a educação escolar. Seu saber e patrimônio cultural devem fazer parte do processo da formação escolar. Então está na hora da Escola e outras instituições darem uma resposta rapidamente: criar uma autonomia moral sem se deixar influenciar as atitudes bizarras e tresloucadas. Com esse intuito será desenvolvido o projeto “A necessidade do respeito e valorização as diferenças culturais desde cedo no ambiente escolar”, na escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Antonio Alves da Silva na cidade de Juru – PB, visando trabalhar o respeito às diferenças culturais e sociais, além da integração dos alunos; mostrando aos mesmos que as diferenças existem conscientizando a necessidade do respeito entre todos, mas precisamente nas turmas do 3º ano, onde não esta havendo uma socialização, um respeito a valores e as diferenças entre as crianças, reflexo do convívio extra-escolar; o mesmo tem objetivo de buscar meios que oportunizam maior contato entre as crianças, mostrando que a diferença nos traz crescimento, ampliação de conhecimento e respeito ao próximo, mantendo a transmissão do respeito mútuo, justiça, solidariedade e principalmente

diálogo. Esses valores têm que ser desenvolvido em todas as esferas de relacionamento social que tange no princípio da dignidade humana.

A nossa monografia está dividida em dois capítulos, no primeiro fazemos uma revisão da bibliografia sobre a diversidade cultural, a educação e suas relações com a cultura e suas variações de entendimentos dessas categorias no contexto escolar; no segundo capítulo apresentamos as nossas definições metodológicas adotadas em nosso trabalho.

## CAPÍTULO 1

### DIVERSIDADE, CULTURA, ESCOLA E EDUCAÇÃO

#### 1.1 - Conceito sobre Diversidade

Para Abramowicz (2006:12), diversidade pode significar “variedade, diferença e multiplicidade entre diferentes objetos ou realidade”. A diversidade faz parte do acontecer humano e de acordo com Lima (2006:17), ela pode ser definida como a norma da espécie humana:

Os seres humanos são diversos em suas experiências culturais, são únicos em suas personalidades e são também diversos em suas formas de perceber o mundo. Seres humanos apresentam ainda, diversidade biológica. Algumas dessas diversidades provocam impedimentos de natureza distinta no processo de desenvolvimento das pessoas (as chamadas de portadoras de necessidades especiais) (LIMA, 2006, p. 17).

É preciso reconhecer e aceitar a diversidade humana, até porque ela é constitutiva da natureza do homem, e o reconhecimento da sua própria diversidade é uma das condições para reconhecer a diversidade do outro. De acordo com o dicionário da língua portuguesa contemporânea da academia das Ciências de Lisboa, o conceito de Diversidade é definido como:

Qualidade do que é diverso. 2. Conjunto que apresenta aspectos, condições, qualidades ou tipos diferentes. 3. Qualidade ou estado daquilo que é diferente ou que se opõe. Diferença, divergência, heterogeneidade, oposição (2001: 1289).

Assim, o conceito surge associado à pluralidade, multiplicidade, heterogeneidade e variedade. Muitas vezes também, pode ser encontrado na intersecção de diferenças. Nesse sentido, podemos afirmar que onde há diversidade existe diferença. Costa, acostado a este entendimento, afirma que:

Seria muito mais simples dizer que o substantivo diversidade significa variedade, diferença e multiplicidade. Mas essas três qualidades não se constroem no vazio e nem se limitam a serem nomes abstratos. Elas se constroem no contexto social e, sendo assim, a diversidade pode ser entendida como um fenômeno que atravessa o tempo e o espaço e se torna uma questão cada vez mais séria quanto mais complexas vão se tornando as sociedades (COSTA, 2008, p. 38).

Dessa forma, a diferença não é uma marca só do sujeito, mas também uma marca que constitui a própria sociedade. Aliás, ignorar ou relegar para segundo plano, os que são diferentes, limita a abrangência de compreensão da diversidade. Como tal, para compreender que há diversidades de famílias, culturas, raças, línguas, níveis socioeconômicos, é necessário olhar através do olhar dos outros (DAYRELL, 2007).

Estamos, portanto perante um termo polissêmico expandido em diferentes campos do conhecimento, o que reitera a complexidade de que a sua análise se reveste. Pensando em perspectiva, o conceito de diversidade no contexto escolar, é de referir que o tecido escolar é caracterizado por uma forte diversidade, tendo em conta que nela encontramos uma diversidade humana e cultural, por isso há uma demanda óbvia por um currículo que atenda essa diversidade, e por outro lado, uma proposta de atuação pedagogia para a diferença.

Como tal, impõe-se que a organização escolar assuma um compromisso de pluralismo, promovendo a integração de todos os alunos num mesmo espaço, em vez de um tratamento específico de certas populações, pois toda a segregação da população acentua as desigualdades entre os discentes, não promove a diversidade, nem contribui para a construção do processo identitário (HOUSSAYE, 2000).

Reconhecemos que existem perspectivas pedagógicas recentes que pretendem encontrar competências transversais através dos saberes, articulando-as com os diferentes estilos dos alunos, elaborando pedagogias plurais e diferenciadas. Deste modo, a questão pedagógica central é a tomada em consideração da diferenciação, e fazer da diversidade um valor a respeitar e a promover.

Relembremos, todavia que esta preocupação com a questão da diversidade é consequência da escola de massa, e simultaneamente da heterogeneidade sócio cultural do público escolar. As diferenças existentes entre uns e outros (nomeadamente sociais, linguísticas, económicas, culturais, religiosas) estão presentes em todos os círculos da sociedade. Mas é no seio da comunidade escolar que o seu entendimento deve ser perspectivado a favor de uma maior justiça social e pessoal.

A diversidade como sublinhamos anteriormente, é um dos aspectos que caracteriza o nosso tecido educativo, tendo surgido da necessidade de olhar as diferenças dos grupos étnicos, linguísticos e culturais, associadas à presença de elementos de outras nacionalidades. Essa realidade exige dos professores e da escola novas responsabilidades. Urge, assim, refletir sobre as diferentes concepções de diversidade e desafios iminentes para o processo de ensino-aprendizagem. Iremos debruçar-nos sobre esses aspectos no ponto seguinte.

## **1.2 - Desafios da diversidade cultural**

Cada um de nós tem uma personalidade diferente, viemos de um contexto familiar, social e econômico distinto, e somos dotados de valores e concepções diversas. Nesta perspectiva, a atenção à diversidade é indispensável. Portanto, a escola como uma *microsociedade*, onde se concentra uma grande diversidade humana, e que tem a responsabilidade de formar cidadãos críticos, conscientes e atuantes, não pode ficar indiferente. Precisa compreender a diversidade da sua população.

De acordo com Soares (2003:161) “a escola precisa estimular as diferenças e dar significados para oportunizar e produzir saberes em diferentes níveis de aprendizagens”. Com base nesta compreensão, sublinhamos a necessidade de considerar e valorizar os diferentes saberes e culturas das populações em geral, e dos alunos em particular, visando à integração, inclusão e acolhimento de todos, independentemente dos seus percursos geográficos, históricos, culturais, linguísticos e psicológicos.

As diferenças podem ser vistas, como outra forma de ser e de estar, conduzindo à compreensão, respeito e inserção das mesmas na sala de aula. Assim, uma ação pedagógica realmente pautada pelo respeito à diversidade cultural deve ter como princípio uma política curricular da identidade e da diferença. Por outro lado também não basta só reconhecer e celebrar a diferença, mas também questioná-la, a fim de perceber como ela está constituída.

Nesta perspectiva nós entendemos que é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, a compreensão necessária para que se possam ver as especificidades de cada um, bem como as suas complexidades, para podermos reconhecer quem somos como coletividade e quem somos como indivíduo.

É neste contexto que situamos também a afirmação de Habermas (1993: 22) ao dizer que, “dependemos do reconhecimento que nos é dado pelos outros e que ninguém pode

edificara sua própria identidade independentemente das identificações que os outros fazem de nós”.

Ainda o mesmo autor acrescenta que ao tratar da diversidade humana na escola, devemos ter como parâmetro, “a necessidade do reconhecimento que caracteriza os seres humanos, uma vez que o reconhecimento pelos outros é uma necessidade humana, já que o ser humano é um ser que só existe através da vida social ”(p. 22).

Efetivamente que o processo de ensino-aprendizagem depende de muitos fatores, principalmente os sociais, isto porque nós somos o resultado de nossas próprias experiências, e das trocas com os outros. Portanto, nós entendemos que a escola para cumprir melhor a sua missão, deve proporcionar as experiências de aprendizagens, é preciso considerar o espaço em que vivemos, e a nossa maneira de construir significados.

Realmente quando nós somos respeitados em nossas diferenças e limitações, nos sentimos

estimulados e desenvolvermos melhor as nossas aprendizagens, uma vez que nos está sendo dada a oportunidade de ser nós mesmo a construir as nossas aprendizagens, através de ideias e conceitos próprios, e isso com certeza nos ajudará também a aprender a respeitar os outros.

Depois desta pequena análise, constatamos que a diversidade cultural está presente diariamente no contexto escolar, e se manifesta de várias formas e constitui um desafio para a escola. Importa também ressaltar que para tratar dessas questões, é preciso ir além da simples constatação, mas sim adotar estratégias eficazes no sentido de propor mudanças para esta situação.

Porém, antes, gostaríamos de apresentar um conceito de educação na perspectiva de Delors (1996: 11) que diz que, “a educação é um veículo transportador de cultura e valores, que têm por objetivo estabelecer vínculos sociais, assumindo-se como um verdadeiro espaço de sociabilização que faz da diversidade um fator positivo”.

Ainda, segundo Laraia (2004: 29) “no âmbito educacional, a diversidade cultural diz respeito a uma coexistência de várias etnias e culturas dentro de uma mesma comunidade escolar”. A mesma autora acrescenta que se devem reconhecer este espaço, “como um grande canal de vivências de valores, permeado de diversas formas de se viver, onde muitas culturas se encontram”, e sendo assim traz inúmeras possibilidades para trabalhar conceitos importantíssimos para o convívio saudável em sociedade tais como o respeito mutuo, a solidariedade, a tolerância, a liberdade, a equidade e a ética.

Nós também estamos de acordo com esta reflexão, de que a escola é um espaço onde a diversidade cultural naturalmente existe e acontece. De fato, os agentes que intervêm nessa realidade são diversos, e cada um com as suas vivências e tudo isso é transportado para a escola. Mas também propomos que seja uma convivência harmoniosa, onde a diversidade seja vista como uma riqueza, e a diversidade dos alunos se articule com as novas experiências (conteúdos e culturas também diferentes) dos outros intervenientes, onde permite estabelecer um ponto de encontro na troca de várias aprendizagens. Assim, a cultura de cada indivíduo é um apelo à aceitação da do outro e conseqüentemente à partilha, e isso contribui para a elevada formação do ser humano.

De fato a diversidade cultural deve ser um fator determinante, na construção de projeto educativos, e a escola por sua vez não deve entendê-la como algo negativo. Mas sim mostrando as diferenças, valorizando-as e acima de tudo fazer do espaço escolar um lugar para o exercício de uma educação mais feliz para todos, onde valores e culturas coabitem respeitando-se e entendendo-se.

Nesta perspectiva Marín (2003: 23) afirma que “a educação possibilita a preservação da diversidade cultural, cria um espaço democrático, dando lugar ao encontro e convivência entre as diferentes culturas”

A escola deve ser um espaço de inclusão, onde, a direção da escola, professores e alunos estabeleçam um compromisso com base na coesão social, estes princípios devem ser transversais aos conteúdos de cada disciplina. Princípios esses que devem ser o conhecimento e respeito pelas culturas, só assim se conseguiriam encontrar um equilíbrio entre alunos de diferentes origens.

Entendemos que na educação escolar, trabalhar numa perspectiva da diversidade cultural, significa uma ação pedagógica que vai além do reconhecimento, de que os alunos sentados nas cadeiras de uma sala de aula são diferentes, por terem suas características individuais e pertencentes a um grupo social distinto, mas é preciso efetivar uma pedagogia de valorização dessas diferenças.

### 1.3 - Escola x Cultura: Educar para diversidade

Passaremos agora a analisar a concepção de escola, porque pensamos ser fundamental compreender a missão desta instituição, que de entre os demais sistemas que constituem a sociedade, afigura-se como a mais privilegiada, pois a ela é confiada o cuidado de formar cidadãos.

Segundo Alves (2000: 55), a escola, na qualidade de organização formal de interesse público, deve:

proporcionar de uma forma sistemática e sequencial a instrução (transmitindo e produzindo conhecimentos e técnicas), a socialização (transmissão e construção de normas, valores, crenças, hábitos e atitudes) e a estimulação (promoção do desenvolvimento integral do educando) das gerações mais jovens.

De acordo com Formosinho (1992: 59) a escola é:

uma organização específica de educação formal, marcada pelos traços da sistematicidade, sequencialidade, contacto direto e prolongado e pelo interesse público dos serviços que prestam e certificação dos saberes que proporciona.

Segundo Dias (1998:90) “a escola é um sistema complexo de comportamento humano, organizado de modo a responder a certas funções no seio da estrutura social”. É neste sentido que a escola determina os objetivos cognitivos, que cada aluno deve atingir ao longo do seu processo de maturação intelectual, e paralelamente estabelece os parâmetros culturais, que contribuem para a concretização dos objetivos preconizados pela política educativa.

Diogo (2006: 24), concebe a escola como:

um veículo de transformação social, econômico e cultural, que em parceria com as famílias e outros agentes comunitários pode desencadear movimentos sociais, que contrariem os constrangimentos impostos pelas forças reprodutoras, e acrescenta ainda que a escola para além de reproduzir adapta e transforma o que é transmitido pela realidade circundante.

Para que a escola cumpra as suas exigências sociais que lhe é incumbida, cabe a ela ter uma função responsável, que garante a sua sobrevivência e o seu funcionamento regular, que de acordo com Nogueira (2001: 31), “deve ser uma gestão que inclui a planificação, a concepção, a iniciativa de atividade, o controlo das atividades e dos resultados na base de recursos disponibilizados”.

Em síntese podemos afirmar que os teóricos são unânimes em dizer que a escola é uma instituição por excelência onde o processo de formação integral do indivíduo se acontece de modo formal. Por outro lado também a ela é confiada essa responsabilidade, que é de formar cidadãos capazes de viver e conviver com a diversidade humana e cultural dos outros.

Mas para isso a escola deve também rever as suas funções e estar à altura de responder as demandas do mundo global e moderno.

Em seguida passaremos a analisar o conceito de cultura, porque entendemos que existe uma forte relação de complementaridade entre elas, portanto há necessidade de compreender melhor essa relação que é definida por Forquin (1993: 10) como sendo:

uma relação íntima e orgânica. Quer se tome a palavra educação no sentido amplo, de formação e socialização do indivíduo, quer se restrinja unicamente ao domínio escolar, é necessário reconhecer que toda educação, é sempre educação de alguém por alguém, ela supõe sempre e necessariamente, a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que chamamos precisamente de cultura.

Mas antes de apresentarmos um conceito de cultura, devemos salientar que a palavra cultura possui inúmeras definições, por isso iremos destacar aqui ao nosso ver, as principais definições dos vários autores.

Começando pela perspectiva de Forquin (1993: 11) que traz-nos o conceito de cultura que diz que:

numa acepção meramente descritiva, desenvolvida pelas ciências sociais contemporâneas, trata-se de um conjunto de traços característicos do modo de vida de uma sociedade, de uma comunidade ou de um grupo, aí compreendidos os aspectos que se podem considerar como os mais quotidiano, os mais triviais ou os mais confessáveis.

Nesta perspectiva podemos dizer que a cultura é o conteúdo substancial da educação, é nela que a educação bebe e busca conteúdo. Mas também é de salientar a grande complementaridade que existe entre elas. É pela e na educação, que a cultura se transmite e se perpetua.

Para Edward Tylor apud por Laraia (2007: 25), que é considerado o pai da cultura, define o termo “como um conjunto complexo, interdependente e interagente de conhecimentos, crenças, leis, tradições, artes, costumes e hábitos de um determinado conjunto de seres humanos constituídos em sociedade.

Portanto, a cultura diz respeito às vivências concretas dos sujeitos de um determinado lugar, por isso, o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Brandão (2002: 31) salienta que:

cultura é tudo que resulta da criação humana, o homem cria, transforma e é afetado por essas transformações. O homem ao produzir cultura produz-se a si mesmo, ou seja, ele se auto-produz. Logo não há cultura sem o homem, como não há homem sem cultura. A cultura, pois, não somente envolve o homem, mas penetra-o, modelando sua identidade, personalidade, maneira de ver, pensar e sentir o mundo.

Deste modo podemos acrescentar que cultura não é algo que existe fora do homem, ela faz parte do seu íntimo. Somos o que somos porque temos contato com os outros seres humanos, dentro de uma realidade específica. Mas, tudo isso se desenvolve apenas na interação entre os indivíduos.

Ainda Brandão (2002: 31), acrescenta que:

cultura existe nas diversas maneiras por meio das quais criamos e recriamos as teias e as (tessituras) e os tecidos sociais de símbolos e de significados que atribuímos a nós próprios, as nossas vidas e aos nossos mundos. Criamos os mundos sociais em que vivemos, e só sabemos viver nos mundos sociais que criamos. E isto, é a cultura que criamos para viver e conviver.

Assim, podemos dizer que a cultura é um processo dinâmico complexo e conflituoso. Entretanto a escola precisa-se estar aberto à influência de várias culturas, de modo que todos possam sentir-se parte integrante na escola. De referir por um lado, que se trata de uma gestão difícil por parte da escola, porque torna-se necessário que a escola seja capaz de articular a sua própria cultura, com as diferentes culturas transportados pelos alunos, contudo essa mistura de culturas muitas vezes gera atrito e conflitos na escola.

Diante dos conceitos expostos nas citações acima sobre escola e cultura e suas inter-relações sociais, presenciar a indiferença, a discriminação, o preconceito, a injustiça, os rótulos é quase que comum nas escolas públicas em relação a alunos que não seguem o padrão idealizado pela escola tradicional, causa indignação, pois a escola é um lugar privilegiado para ensinar as crianças desde cedo, com carinho e respeito pelo outro. As crianças sempre entram nesse cenário que é a escola. Lugar primeiramente que receberia a todos com respeito, afeto, solidariedade. Isso contribuiria muito para que crescessem aprendendo a lidar com as diferenças com sensibilidade.

É durante os seus anos de formação que as crianças adquirem o entendimento das diferenças, o respeito e o apoio mútuos em ambientes educacionais que celebram a diversidade humana. Pois, segundo Senra et al, (2008, p.19), “a escola regular, enquanto um ambiente plural e segundo a Constituição Federal, deve retratar a sociedade como ela é”. Nesse sentido, deve reconhecer que cada indivíduo tem necessidades particulares. Mesmo que a escola seja eminentemente o lugar do coletivo, é fundamental que haja uma reflexão sobre a escola que queremos, onde a educação seja pensada a partir de cada um, visando ao pleno desenvolvimento de todos.

A exclusão escolar acontece, ironicamente, desde que a escola se tornou democrática. Ela recebeu alunos de vários novos grupos sociais sem se preparar para isso e com a mesma estrutura física, valores e conhecimento. Analisando o contexto atual, composto por alunos, pais, professores e autoridades responsáveis, deveriam verificar um empenho para enfrentar o desafio da intransigência e da indiferença, para que assim fosse possível oferecer um ensino de qualidade, respeitando a heterogeneidade e a individualidade dos alunos.

Pois estas diferenças não estão só relacionadas com as deficiências e sim com outras diferenças e singularidades como corrobora a autora Senra *et al.*, (2008 p. 33), “deve incluir crianças deficientes e superdotadas, crianças que vivem na rua e aquelas que trabalham crianças provenientes de população nômade e de outros grupos em desvantagem ou marginalização”. Depreende-se, da letra dessa recomendação com vistas a uma escola inclusiva, que todas as crianças, deficientes ou não, cujas necessidades educacionais escolares decorrem de suas dificuldades ou de suas capacidades diferenciadas de aprendizagem, devem ser incluídas nas escolas regulares.

Almejamos uma nova concepção de educação escolar e uma prática pedagógica que reconheça que o conhecimento se constrói coletivamente mediante interações, vivências mútuas e através do exemplo. Uma escola onde os professores sejam os mediadores de toda a diversidade que vem da vida dos alunos, promovendo a produção de novas ideias, a elevação

de sentimentos, o respeito aos valores e às diferenças sociais e escolares. Assumir, compreender e respeitar essa diversidade é requisito para orientar a transformação de uma sociedade tradicionalmente pontuada pela exclusão.

No cotidiano escolar dos professores é importante ressaltar que todos os anos surgem desafios de grande relevância. Mesmo não se tratando de alunos instituídos com “especiais”, em âmbito intelectual, social, financeiro, psicológico ou físico educadores também encontram seus obstáculos com alunos convencionais, que apenas não alcançam as expectativas impostas por um currículo arcaico, pois não valorizam ou buscam desenvolver suas habilidades e talentos, não compreendendo que todas as crianças não saíram da mesma forma, todavia, por esse motivo não devem ser rotuladas e excluídas por suas diferenças, e sim valorizadas e incluídas no grupo por suas singularidades.

Segundo GARDNER (1995, p. 194), quanto mais avançamos além de uma visão unitária da inteligência, em que todas as pessoas podem ser medidas pelo mesmo termômetro cognitivo, mais evidente se torna que a mente de cada pessoa é diferente da de todas as outras. A pluralização da inteligência sugere que pode haver de sete a várias centenas de dimensões mentais e, naturalmente, as combinações e recombinações destas dimensões.

Resta ao professor assumir suas limitações e, indo à busca de novos conhecimentos com dedicação, ter por princípio básico a compreensão ao invés da exclusão. Temos que optar com toda convicção em acabar com concepções tradicionais dos problemas escolares que tornam em dogmas que o aluno, com alguma dificuldade de aprendizagem, é repassado para um profissional na área de saúde, começando na maioria das vezes medicado. Sabe-se que este é um processo complexo em que estão incluídos inúmeros fatores como: aluno, professor, concepção e organização curricular, metodologia, estratégia e recursos. Mas, ainda não depende deles, e sim da maneira como o professor se dispõe a se adaptar as peculiaridades de cada aluno para desenvolver suas tarefas. Esse ajuste entre aluno e professor é fundamental para que ocorram progressos no processo de ensino aprendizagem.

A escola é um espaço heterogêneo assim como a sociedade, por isso temos que ter em nossa concepção que todos aprendem da mesma maneira, mas que cada um aprende em seu ritmo, e em seu nível. Assim, a escola deve valorizar os muitos saberes do aluno, e seja oportunizado a ele demonstrar suas potencialidades. A escola ainda tem valorizado apenas o conhecimento verbal e matemático, deixando de lado tantos outros conhecimentos importantes para a vida.

Conhecimentos tão importantes não são muitas vezes oportunizados aos alunos como: atividades físicas, teatro, artes plásticas, música e dança. O professor deverá oportunizar as crianças situações favoráveis à aquisição do conhecimento e acreditar nas capacidades dos seus alunos de forma positiva e confiante, fazendo com que cada um deles tenha o sentimento de pertencer a um grupo, pois jamais vai demonstrar as potencialidades que possui.

O professor deve sempre tornar o ambiente escolar acolhedor, aceitando a criança como ela é oferecendo meios para que ela se desenvolva, com essas atitudes a garantia de sucesso é certa. Segundo Perreoud (2000) para que cada indivíduo progrida rumo aos domínios visados, convém colocá-lo, com bastante frequência, em situação de aprendizagens para ele. Não basta somente que ela tenha sentido, que envolva e mobilize. Deve também solicitá-lo em sua zona de desenvolvimento próximo. No entanto, uma situação ótima para um, pode não ser ótima para outro, visto que em uma sala de aula existem inúmeros alunos cada um com seus costumes e cultura, e que conseqüentemente não possuem os mesmos conhecimentos prévios, a mesma relação com os saberes, os mesmos interesses, os mesmos versos e maneiras de aprender. Dessa forma, deve a escola, diversificar situações de aprendizagem e adequá-las as características próprias dos alunos.

#### **1.4 -Aproximação aos conceitos de Educação Multi/Intercultural numa abordagem educativa.**

Relativamente aos conceitos de educação multicultural e intercultural, nesta primeira fase iremos apresentar somente os conceitos, isto porque mais à frente iremos explorar e aprofundar melhor este ponto.

Branco (2006: 78) refere que “a solução para a constituição de uma sociedade autenticamente e multicultural passa, por uma “libertação cultural” associada à procura da “comunicação cultural”, que pressupõe a aceitação da diversidade e o recurso a um princípio de unidade”.

Educação Multicultural “Consiste em ter em conta as diferenças étnicas, religiosas e culturais para organizar a sua coexistência através da troca e do respeito às diferenças e regras comuns a todos, que transcendem os pertences particulares” (Cuche, 2003: 167).

Nesta perspectiva, nós entendemos que a educação multicultural visa à partilha de um mesmo espaço escolar por diferentes culturas, valorizando o respeito pela diferença. Ainda podemos acrescentar que esta educação tem os seus ideais na promoção, interação e o respeito pelas diversas culturas no contexto escolar, garantindo assim a igualdade de oportunidades a todos, principalmente no acesso aos conhecimentos e competências necessárias para o sucesso educativo e social.

#### **1.4.1 - A Educação multicultural**

Antes de embarcarmos nesta viagem com o tema educação multicultural, primeiro consideramos ser fundamental fazer um breve panorama, sobre a origem do multiculturalismo e também o sentido atribuído a esse termo, bem como as concepções teóricas que o fundamentam. Isto porque entendemos que não se pode falar em educação multicultural, sem se especificar com clareza o multiculturalismo como movimento social, em que abriu o caminho para o campo educativo, para que hoje possamos nos inquietar pelo desejo de compreensão e busca de novas possibilidades pedagógicas, que nos permitam atuar numa perspectiva de respeito com a nossa rica diversidade cultural.

Segundo Gonçalves e Silva (1998: 52):

o multiculturalismo emerge em território como movimento social em defesa das lutas dos grupos culturais negros e outras minorias, mas também, como abordagem curricular contrária a toda forma de preconceito e discriminação no espaço escolar.

Inicialmente o termo surgiu desvinculado do sistema educativo, incorporado na sua maioria pelos movimentos sociais, especialmente os grupos culturais negros. O eixo orientador do movimento é o combate ao racismo e as lutas pelos direitos civis.

Gonçalves e Silva (1998: 51), “situam o início desse movimento na primeira metade do século XX, com as lutas dos afrodescendentes, que buscavam a igualdade de exercício dos direitos civis e o combate à discriminação racial no país”.

O multiculturalismo se destaca como uma das suas preocupações, os estudos sobre a multiplicidade de culturas, a pluralidade de identidades, as relações de poder

assimétricas e também veio questionar e desafiar práticas silenciadoras de identidades culturais, particularmente as questões de racismos, machismos, preconceitos e discriminações.

Ao longo das últimas quatro décadas, o multiculturalismo como movimento social engajado na defesa da diversidade cultural, vem ganhando espaço nas discussões e debates, nas mais diversas perspectivas e vertentes, levando sempre em conta que o sentido dessas discussões depende necessariamente, de uma visão global e articulada, capaz de integrar todos os aspectos ao mesmo tempo, políticos, econômicos, sociais, culturais e educacionais. Tal movimento nos ensina que conceber e conviver com as diferenças requer o reconhecimento de que existem indivíduos e grupos distintos entre si, mas que não se anulam ou se excluem em termos de direitos iguais e de oportunidades que garantam a afirmação de suas identidades e dignidade humana.

Silva (2007: 85) acrescenta que de uma forma ou de outra, “o multiculturalismo não pode ser separado das relações de poder que, antes de tudo obriga essas diferentes culturas raciais, étnicas e nacionais a viverem no mesmo espaço”.

Dessa forma, numa sociedade que se percebe cada vez mais multicultural, cuja pluralidade de culturas, etnias, religiões, visões de mundo e outras dimensões das identidades infiltra-se, cada vez mais, nos diversos campos da vida contemporânea penetrando os espaços de educação formal. É, neste sentido, que segundo Moreira (2001: 41), a educação multicultural surge como um conceito que “permite questionar no interior do currículo escolar e das práticas pedagógicas desenvolvidas, a “superioridade” dos saberes gerais e universais sobre os saberes particulares e locais”

É evidente o fato de que o debate acerca da educação multicultural tem proliferado muito na atualidade. O multiculturalismo vem ganhando espaço do debate atual da educação e este fenômeno está a ocorrer em muitos países, desafiando-os a fazer diversas alterações nas práticas educativas, como forma de dar respostas aos novos desafios da sociedade atual. Embora seja um termo ainda em construção no nosso país.

Nesse sentido, levar em conta a pluralidade cultural no âmbito da educação implica pensar formas de reconhecer, valorizar e incorporar as identidades plurais em políticas e práticas curriculares. Significa, ainda, refletir sobre mecanismos discriminatórios que tanto negam voz a diferentes identidades culturais, silenciando manifestações e conflitos culturais, bem como buscando homogeneizá-las numa perspectiva monocultural.

Atualmente a escola, por se configurar como espaço legítimo onde se dá o processo de socialização, é o ambiente no qual mais se encontra a da diversidade cultural, racial, social. Portanto, é necessário que haja um convívio multicultural que implica respeito

ao outro, diálogo com os valores do outro. Em função dessa realidade, a educação em geral e mais especificamente, a escola e os professores são encarados como “esperança de futuro”, sendo pressionados a repensar o seu papel diante das transformações em curso, as quais demandam novos saberes, novas competências, um novo jeito de pensar e de agir, enfim um novo perfil de formação do cidadão.

Segundo Fontoura (2005: 53), um dos grandes objetivos da educação multicultural é o de “reformular as escolas de maneira que os estudantes de diferentes classes sociais e de diferentes grupos étnicos e raciais possam experimentar a igualdade e possam usufruir, homens e mulheres, de igualdade de oportunidades para o sucesso em educação”

Nesta perspectiva ainda Fontoura (2005: 53) acrescenta que:

os currículos devem ser orientados para a partilha e valorização das culturas de todas as crianças. Assim, a educação multicultural visaria promover a compreensão e a tolerância mútuas pela mudança de percepções e atitudes através de um programa pluralista de reforma curricular.

Neste sentido, entendemos que a educação multicultural é um movimento de reforma da educação, que leva à igualdade de oportunidades para todos os alunos, tornando-se necessária uma modificação do ambiente na escola de tal maneira que este reflita as diversas culturas e grupos existentes na sociedade e na própria escola. Deste modo, a educação multicultural pode ser encarada como uma educação para aplicar de uma forma contínua numa sociedade pluralista e democrática.

A educação multicultural procura realizar os princípios democráticos da justiça social através de pedagogias críticas, proporcionando conhecimentos, desenvolvendo a reflexão-ação que permita aos futuros cidadãos, participar nas transformações sociais no sentido de atingir níveis cada vez mais elevados de igualdade de oportunidades. Rejeita e combate todas as formas de discriminação na escola e na sociedade.

A educação multicultural deve ser encarada como um processo progressivo de mudança. Ela, por sua vez, obriga a escola a mudar a sua organização administrativa e pedagógica, e a estruturar de modo a acolher da melhor forma a diversidade dos seus alunos. Isso implica reajustamentos do currículo ao nível dos conteúdos, das estratégias e das interações entre alunos e professores, de modo a proporcionar igualdade de circunstâncias educativas a todos.

### 1.4.2 - A Educação Intercultural

Feita a caracterização do termo multicultural, passamos agora uma definição do termo intercultural. Verificamos que o prefixo Inter aponta para a ideia de interação, neste caso entre culturas, o que indica também a existência de uma relação entre os grupos, indivíduos e identidades. Relação essa que entendemos como uma construção e não como um dado adquirido.

De acordo com Ferreira (2003: 96), o interculturalismo se refere:

à interação entre culturas de uma forma recíproca, favorecendo o seu convívio e integração assente numa relação baseada no respeito pela diversidade e no enriquecimento mútuo. A expressão também define um movimento que tem como ponto de partida o respeito pelas outras culturas, superando as falhas de relativismo cultural, ao defender o encontro, em pé de igualdade, entre todas elas.

Na mesma direção, Trindade (1999: 78), salienta que o interculturalismo implica, “reciprocidade e partilha na aprendizagem, na comunicação e nas relações humanas. Numa perspectiva sociológica mais global, o interculturalismo é uma atitude humanista que valoriza o diálogo, o respeito pelas diferenças e a compreensão mútua”.

Nesta perspectiva nós entendemos que este contato entre os indivíduos é fundamental, dado que cada um de nós somos portadores de fragmentos culturais, isto é, experiências de vida distintas que potenciam um conceito de cultura mais abrangente, podendo a partir daqui, promover o desenvolvimento de uma competência intercultural. Por seu turno Candau (2006: 80), acrescenta que o modelo intercultural refere-se à “interação entre as várias culturas, reconhecendo o direito à diversidade e luta contra a discriminação e desigualdade social, defendendo relações dialógicas e igualitárias entre pessoas de diferentes grupos”.

Desta forma, o termo intercultural remete-nos para o diálogo e interação entre as culturas, que deve ocorrer numa abertura efetiva ao outro, dado que não se pode considerar que qualquer cultura tenha atingido o seu total desenvolvimento. Portanto, o diálogo entre os povos de diferentes culturas é o meio de possibilitar o enriquecimento mútuo. Entretanto o interculturalismo sinaliza que é necessário que se aprenda a conviver num mundo pluralista e se respeite e defenda a humanidade no seu conjunto.

Em suma, defendemos que para a prática de uma abordagem intercultural, o simples respeito e tolerância não se revelam suficientes. É preciso criar um verdadeiro diálogo, em que os conflitos sejam ultrapassados através de negociação. Com isso se origina uma dinâmica de criações novas e também de enriquecimento entre as culturas. Realçando também que a abordagem intercultural que aqui propomos não pode ser confundida com o modelo multicultural, isto porque, a abordagem intercultural acentua o processo de interação entre indivíduos e culturas.

Ferreira (2005: 55), afirma que:

esta pedagogia possibilita não só a determinação das suas próprias representações dos modelos do seu sistema de valores, mas também a identificação das representações e dos sistemas de valores e de normas dos outros indivíduos e grupos, constituindo assim um meio de conhecimento e de aprendizagem do outro e de compreensão intercultural.

É nesta linha de análise que entendemos a educação intercultural, como toda a formação que leva em conta a diversidade cultural dos alunos. Neste sentido, a educação intercultural aparece como uma forma de abordar a diversidade cultural, a partir de processo de interação entre as diversas culturas no contexto escolar.

A nosso ver a educação intercultural centra essencialmente no diálogo e na convivência entre as diferentes pessoas, o que faz com que elas aprendam umas com as outras, tomando sempre como pressuposto que cada um de nós tem as suas especificidades, mas podemos aproveitar dessas especificidades, e complementar uns aos outros. Portanto, isto implica que eu me descubra no outro e o outro, da mesma forma, em mim.

Na educação intercultural, a co-aprendizagem é importante, dado que tanto o saber como as relações sociais estão em permanente construção. Neste sentido, a interação “eu - outro” é fundamental, cabendo à escola fomentar o diálogo, eliminando o confronto.

### **1.5 - Diversidade Cultural no contexto escolar: a escola como um espaço de diversidade cultural**

A democratização do ensino veio abrir a escola a alunos provenientes das mais diversas origens não só étnico, religiosa, mas também socioeconômicas e culturais. Neste contexto urge a tomada de consciência por parte de todos os agentes educativos, para a necessidade de refletir sobre a questão da diversidade cultural no contexto escolar, e tentar dar respostas satisfatórias aos desafios daí decorrentes.

Entendendo que a diversidade cultural é um fenômeno que caracteriza a sociedade atual, Pereira (2007: 105) afirma que os sistemas educativos deverão “adaptar novas políticas e refleti-las na construção e implementação de um currículo formal vocacionada para a promoção do pluralismo e da igualdade de oportunidades em níveis cada vez mais elevada”.

Nesta mesma linha de pensamento, Martins (2003: 2) acrescenta que, “a sociedade atual não se compadece com uma escola nos moldes tradicionais baseada apenas na transmissão direta dos conhecimentos e conteúdos, recorrendo a técnicas e métodos de ensino caducos e estagnados no tempo”.

A escola como estrutura viva e profundamente enraizada na sociedade, refletirá as circunstâncias sociais, econômicas culturais dessa mesma sociedade. Daí então a escola teve assim a necessidade de se ajustar a esta diversidade, que está caracterizando a sociedade atual, mudando a sua postura e passou a ser uma escola para todos.

Na perspectiva de Paulo Freire (1972) apud Moreira e Candau (2005: 78), “atualmente, todos os círculos da sociedade são marcados pelas diferenças, (sociais, linguísticas, econômicas, culturais, religiosas etc.) existentes entre “uns” e “outros”, mas é no seio da comunidade escolar que o seu entendimento pode e deve ser perspectivado a favor de uma maior justiça social e de um crescimento pessoal”.

Como já referimos, os espaços escolares abriram-se à população em geral, e lentamente começou a assistir-se a um alargamento dos sujeitos “aprendentes”, e conseqüentemente verificou-se um maior contato entre as diversas culturas que aí coexistem.

Portanto, cabe à escola proporcionar o acesso a várias opções, respeitando as especificidades de cada um e apresentando as mesmas oportunidades e alternativas para todos, promovendo igualmente, atitudes de tolerância, compreensão e solidariedade em relação a essa diversidade.

Relembremos, todavia, que esta preocupação com a questão da diversidade está ligada às grandes transformações com as quais nos deparamos na sociedade, e também é consequência da escola de massa, e simultaneamente da heterogeneidade sociocultural do público escolar.

Tendo em consideração a grande massificação do ensino, a escola se depara com uma nova realidade: a multiculturalidade no seio dela. Nesse sentido, não é mais possível primar pela uniformidade, pela homogeneidade uma vez que a pluralidade e a heterogeneidade se tornem uma realidade concreta, sendo assim, é necessária uma maior diversificação e flexibilidade de modo a dar resposta ao público também diversificado.

De acordo com Leite (2003: 12), “refletir sobre a escola e a diversidade cultural significa reconhecer as diferenças, respeitá-las, aceitá-las e colocá-las na pauta das nossas reivindicações, no cerne do processo educativo”.

Por exemplo, no caso do processo de ensino-aprendizagem, urge olhar cada aluno como um ser único, individual, com conhecimentos, interesses e estilos de aprendizagem diferentes, dando voz às diferenças de idade, de sexo, de personalidade, hábitos familiares, proveniência social, entre outros.

Qualquer escola, cuja política educativa se pretenda pautar pela multiculturalidade, terá obrigatoriamente de se guiar por princípios de igualdade e de aceitação da diferença, procurando contribuir para que nenhuma cultura perca a sua identidade, ou subjugada incorretamente por qualquer outra.

Assim, a Diversidade é de fato uma realidade nas nossas escolas, e isso exige dos professores e da escola redobradas responsabilidades, no sentido de desenvolverem um trabalho interdisciplinar, com a finalidade de formar cidadãos para o mundo, capazes de viver na nossa aldeia global e de interagir de modo construtivo com a Diferença.

Morin (2000: 52), afirma que:

cabe a educação do futuro cuidar para que a espécie humana não apague a ideia de diversidade e que a diversidade não apague a da unidade”. Ainda segundo o mesmo autor “é a unidade humana que traz em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o ser humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno. A educação deverá ilustrar este princípio de unidade/diversidade em todas as esferas.

É preciso de fato a interação entre os seres humanos como forma de compreendemos melhor o outro ao nosso redor. Portanto, é necessário entender a escola como um sistema, para poder analisar a questão da interação que ocorre dentro e fora dela, é preciso ter presente os vários atores educativos que intervêm no processo escolar. Assim, para que a escola possa possuir a sua identidade e promover a interação no seu seio, ela deve criar vínculos não só entre os seus atores educativos: professores, alunos, funcionários, administradores, mas também a comunidade que a envolve de modo particular e a sociedade em si, de uma maneira mais geral. Deste modo, entender a diversidade é dialogar com os outros, nos diversos espaços em que nos humanizamos: a família, a sociedade, a escola etc. Portanto, refletir sobre a escola e a diversidade, significa reconhecer, aceitar respeitar e atender a diversidade dos alunos, e evitar que as diferenças se convertem em desigualdades.

Neste sentido Sousa (2002: 4) salienta que:

a escola não pode, por isso, silenciar as vozes que lhe pareçam dissonantes do discurso culturalmente padronizado, uma vez que não opera no vazio. Não vale a pena pretender unificá-la de maneira abstrata e informal, quando ela se realiza num mundo profundamente diverso.

Diante disso podemos constatar que a escola tem um papel importante na formação dos seus educandos e, sobretudo, atender a heterogeneidade dos alunos com os quais se depara. Uma escola aberta à diversidade deve dar respostas concretas a todos os alunos que a compõem, rompendo com modelos rígidos e fechados dirigidos somente a alguns, ainda deve, sobretudo, adaptar-se á criança, visto que a escola deve ter uma atitude aberta à mudanças, e tem que inovar face as mudanças ocorridas, baseada numa reflexão crítica, como forma de descobrir novos caminhos que melhorem a qualidade do ensino, buscando soluções mais adequadas a situações recentes.

Aliás, as tentativas pedagógicas recentes, pretendem encontrar competências transversais através dos saberes, articulando-as com os diferentes estilos de aprendizagem dos alunos, no sentido de desenvolver pedagogias plurais e diferenciadas. Deste modo, a questão pedagógica central é a tomada em consideração da diferenciação, o que significa que o projeto-base é fazer da heterogeneidade um valor a respeitar, promovendo os elementos que unem os alunos.

Daí a diversidade como foco central da mudança, isto é, essa diversidade que tem feito a escola rever o modo como vê e percebe o ser humano, para além de meras

características físicas, mentais ou intelectuais. Essas e tantas outras questões, nos levam a crer que ainda falta algum entendimento acerca da diversidade, na relação conflituosa entre homogeneidade (de ações, regras, ensinamentos) e heterogeneidade (de vidas, sonhos, desejos, subjetividades), e também sobre as questões que envolvem a inclusão, (não só da pessoa com deficiência, mas de todos aqueles que têm seu direito à cidadania negado).

Deste modo, a não adequação às normas supostamente homogêneas, o caminho utilizado tem sido a exclusão. Muitas vezes as escolas excluem tudo aquilo que não se enquadra nos conceitos de normalidade. Nesse sentido, percebe-se que a escola, ao impor uma única norma para todos os alunos, esquece-se que ela própria é formada por uma representação fidedigna da sociedade, ou seja, assim como a sociedade, a escola é composta pela diversidade humana que compõem a sociedade em si, diversidade esta que antes de tudo, é favorável pelo fato de proporcionar a diferenciação de ações.

Nesse sentido, pode-se salientar que o aluno, independentemente de classe social, etnia, preferência sexual, cultura, religião e capacidade intelectual necessita ter a possibilidade de se ver como parte da escola, como um dos sujeitos do processo educacional. A escola por sua vez, deve rever sua postura, seus entendimentos acerca do mundo, do aluno, da sociedade, do ser humano, de diversidade e de inclusão.

## **1.6 - Diversidade cultural no contexto de sala de aula**

Hoje no mundo em que vivemos, a diversidade cultural está cada vez mais evidente nas escolas. Nelas encontramos adolescentes e crianças de diferentes meios socioculturais, com as suas potencialidades e especificidades diferenciadas. Mas como sabemos é na sala de aula que essa diversidade ganha maior visibilidade, visto que é um lugar de encontros, onde cada vez mais deparamos com existência de alunos com culturas e características heterogêneas.

Na escola atual circulam e convergem diferentes culturas, cabendo também a esta ser produtora de Diversidade. Esta heterogeneidade deve, portanto ser repensada, o que exige que na sala de aula se valorize o pluralismo, em detrimento de uma visão etnocêntrica do mundo, unicamente centrada nas culturas dominantes.

Nesta perspectiva, Perestrelo (200: 37) salienta que:

na sala de aula se encontra de algum modo uma múltipla diversidade de culturas com diferentes saberes, sistemas de valores, crenças e de interpretações do mundo, hábitos, modos de agir, expectativas, necessidades e projetos de vida.

Tendo em consideração essa multiplicidade de diversidade, a tarefa da escola é conseguir reconhecer as diferenças, não só culturais, mas também a níveis dos diferentes ritmos e estilos de aprendizagem, de interesses e capacidades. É um desafio que compete a todos nós adotar no sentido de caminharmos cada vez mais para uma sociedade em que sejam formados indivíduos responsáveis, críticos, atuantes e solidários conscientes dos seus direitos e deveres.

Perestrelo (200: 37), ainda acrescenta que é impossível ignorar que “a nossa sala de aula, tem vindo a tornar-se cada vez mais heterogêneas. Temos de reconhecer que estas diferentes pertenças são uma fonte de riqueza inesgotável”.

O reconhecimento desta diversidade nas nossas salas de aula é uma realidade com que os professores e demais agentes educativos se confrontam diariamente, e exige uma postura de reflexão sobre o decorrer dos processos de ensino e de aprendizagem.

Sabendo que na sala de aula deparamos sempre com a diversidade de alunos, portanto neste caso os professores têm um grande papel a desempenhar perante esta situação, e cabe ao ele ajustar os conteúdos às necessidades dos alunos, ou seja, deve fazer uma diferenciação pedagógica.

Para Morgado (1999: 17), “a organização e gestão da relação pedagógica solicita ao professor a ter em consideração de um conjunto de dimensões que se operacionalizam de forma interdependente”. Daí que não posso esquecer que, tal como escreve Perestrelo (2001: 37), “numa sala de aula está presente uma complexa interação cuja diversidade não se resume apenas à cor da pele ou à etnia, mas onde se conjugam diferentes eixos de classe social, de gênero ou de origem”.

Na perspectiva de Ramiro (2002: 48) o professor faz uma diferenciação pedagógica, “quando prepara tarefas específicas para diferentes grupos de alunos, tendo em consideração as suas necessidades de formação e interesses próprias”. Neste caso o professor terá que adotar estratégias que permita que cada aluno, aprenda determinado conhecimento de acordo com as suas próprias características, que provém do seu saber, dos seus hábitos de pensar e de agir. Já para Miranda (2004: 27) uma das formas do professor fazer a gestão da diversidade na sala de aula é através de “ formação de grupos heterogêneos e a abordagem diferenciada são necessárias e eficazes na gestão da diversidade na sala de aula”. Ainda nesta

mesma linha de pensamento, Aguado (2000: 125) focaliza igualmente esta forma para gerir a diversidade, a “aprendizagem cooperativa em equipes heterogêneas visto que quando as relações com as colegas se produzam adequadamente, proporcionam o principal contexto para adquirir as competências sociais mais sofisticados para enfrentar os elevados níveis de incerteza”.

### **1.7 - O papel do Professor face à Diversidade cultural**

O professor é um indivíduo que ensina, mas tem de perceber que não é só depositar os seus conhecimentos numa determinada sala de aula, para que o seu papel seja bem desempenhado. Em contextos escolares multiculturais, a capacidade técnica bem como o domínio dos conteúdos e da metodologia por parte dos professores são insuficientes. Para assegurarem uma educação efetiva dos estudantes de culturas diferentes, os professores terão de ser capazes de alterar e modificar estratégias de ensino que possam respeitar e desafiar alunos dos diversos grupos culturais, em ambientes educativos.

Entretanto, uma educação sem fronteiras e que trabalhe no sentido de mitigar as diferenças existentes, não é tarefa fácil, requer preparo por parte do professor, uma vez que para lidar com as adversidades é necessário compreender como elas se manifestam e em que contexto. Todavia o professor que acolhe seus alunos é um professor reflexivo, que percebe e respeita as diferenças de cada um, e constrói um ambiente de igualdade, e propicia uma segurança aos seus alunos, e isso refletirá em melhor e maior aprendizado.

É nesta perspectiva que Alarcão (2004: 41) diz que:

a noção do professor reflexivo baseia-se na consciência da capacidade de pensamento e reflexão que caracteriza o ser humano como criativo e não como mero reprodutor de ideias e práticas que lhe são exteriores. É central, nesta conceitualização, a noção do profissional como uma pessoa que, nas situações profissionais, tantas vezes incertas e imprevistas, atua de forma inteligente e flexível, situada e reativa.

Os professores terão de estar consciente de que a escola reflete a sociedade e a comunidade que a envolve. E, de certa forma, são influenciadas pelo poder de uns em relação a outros que se verifica na comunidade envolvente. O professor tem de analisar a sua população, para perceber de que forma isso pode influenciar as dinâmicas de sala de aula, para assim poder intervir no sentido de abolir as práticas de exclusão e de discriminação.

Cardoso (2001: 47), pro exemplo, entende que o professor deve “compreender o aluno, e tudo o que este transporta para a sala de aula, deve estar consciente acerca das suas opiniões, perspectivas, concepções e sentimentos, enquanto cidadão e professor numa sociedade multicultural”. Na mesma direção, o autor defende que “o envolvimento comprometido e intencional do professor na via multicultural, garante-lhe maior sensibilidade na percepção das mudanças que vão ocorrendo, e melhorar o processo de mudança das suas práticas em contexto multiculturais”.

os profissionais da educação devem ser profissionais da cultura, e não de um padrão único de aluno, de currículo, de conteúdo, de práticas pedagógicas e de atividades escolares. Somos diferentes em raça/etnia, nacionalidade, sexo, idade, gênero, crenças, classe. Tudo isso está presente na relação professor/aluno (CARDOSO, 2001, p. 49).

A situação multicultural exige o conhecimento da sociedade e das realidades dos outros meios culturais e também dos vários fenômenos que nela acontecem. Deste modo é fundamental que os professores se preparem para receber e compreender os alunos e as respectivas famílias, vindos de diferentes regiões do país e mesmo do estrangeiro, para que possam respeitar a diversidade de línguas, comportamentos, religiões e modos de vida, e que consigam gerir os conflitos e, sobretudo, aproveitá-los para enriquecer culturalmente cada um dos seus alunos, e a si próprio.

Segundo Gagné (1999: 89) na realidade, as crianças quando entram na escola “já possuem conhecimentos, conceitos, informações, experiências vividas e até preconceitos derivados de vários agentes socializadores, tais como, a família, vizinhos e meios de comunicação”. Assim, através de uma visão multicultural, o professor dos nossos dias deve pautar a sua forma de estar na sala, tornando-a num local de aprendizagem não só de conteúdos programáticos, mas também onde podemos ensinar algo aos outros e acima de tudo aprender muito com eles.

Neste caso, a escola e os docentes têm o dever de valorizar, aceitar e aproveitar saberes, valores, interesses e competências que os alunos trazem, pois eles não entram para a escola como uma tábua rasa, uma mente vazia. Dessa forma, a formação dos docentes em contextos multiculturais é a pedra basilar da educação intercultural, pois conduz à melhoria da qualidade do ensino e das capacidades dos professores face à diversidade. Para isso é

necessário o desenvolvimento por parte dos professores de atitudes não etnocêntricas, deve ser sensível e respeitar as várias diferenças e promover a paridade de culturas e a emancipação dos alunos mais desfavorecidos.

Os professores ao adquirirem tais conhecimentos, estarão capazes de criar na escola uma nova cultura organizativa a nível social e pedagógico-didático, para que todos os grupos minoritários e majoritários aprendam a viver juntos, numa verdadeira permeabilidade de pessoas e culturas e sem separação entre o “nós” e os “outros”. Só assim, é que a escola pode suscitar verdadeiras aprendizagens interculturais, que permitam às crianças dos grupos minoritários a aquisição de competências que lhes possibilitem uma participação ativa e criativa na comunidade majoritária, preservando simultaneamente as suas identidades culturais.

Defendemos que praticar a educação intercultural é necessário organizar e administrar a escola tendo em conta a diversidade cultural nela existente. Considerando essa diversidade nos planos educativos da escola, nos planos curriculares de turma, discuti-la nas assembleias de escola, nos conselhos de escola e nas assembleias de turmas, de forma a promover a interação cultural. Por outro lado, também é necessário, definir propostas educativas que visam construir uma ponte de ligação entre a cultura da escola e a da comunidade envolvente, com o intuito de propiciar uma harmonia entre valores, saberes e estilos de vida da comunidade. Comunidade essa que é representada através da presença dos alunos na escola.

## **CAPÍTULO 2**

### **PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS**

Nossa perspectiva metodológica centra-se em um estudo bibliográfico sobre o tema da diversidade cultural e a diferença na educação, tendo como referência a experiência acumulada que tenho enquanto professor na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Antonio Alves da Silva na cidade de Juru – PB, com a execução de meu projeto intitulado: “A Necessidade do respeito e a valorização das diferentes culturais desde cedo no ambiente escolar”, discutindo o ensino da diversidade cultural na escola e o posicionamento de alunos e professores frente a tal assunto.

O universo pesquisado engloba os alunos e professores da escola que estão regularmente matriculados. Através da produção de textos, leitura de livros e textos, foram realizadas discussões entre os professores, buscando entender o que eles entendem por diversidade cultural e como tal temática esta sendo vivenciada no âmbito escolar, na elaboração e execução de suas aulas.

## CONCLUSÃO

Como princípio educativo, a diversidade cultural leva-nos a, constantemente, rever os valores políticos, sociais e culturais de compreensão do *outro*. Lançar mão desse princípio significa, ao mesmo tempo, entender o saber e a cultura como parte da produção sócio-histórica de determinada sociedade e também problematizar os *ditos* valores sociais e culturais universais. O entendimento de que “toda educação é cultura”, desafia-nos a compreender a noção do saber, poder e identidade que têm sido transmitidos e produzidos na instituição escolar. Assim, a realização de práticas pedagógicas que têm na diversidade étnico-racial seu princípio educativo passa necessariamente pela revisão e (re) construção dos valores sócio-históricos, políticos e culturais das relações raciais na sociedade.

A assertiva de que se “aprende a cultura” alinha-se à necessidade de ensinar e aprender a história e a cultura afro-brasileira e africana, bem como “a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional” (BRASIL, 2005, p. 3). A aprendizagem se *da* e *com* a diversidade exige-nos, então, uma postura ética, moral, estética e educativa diante do *outro*. Garantir aos sujeitos de aprendizagens o acesso à história de lutas, resistências e conquistas dos povos negros no Brasil por meio das práticas pedagógicas, pode ser um bom começo.

Após análise de algo complexo que é a diversidade cultural no contexto escolar, podemos concluir que ela está a crescer, e cada vez mais transformando as nossas instituições escolares em espaço de diversidade. Daí então a responsabilidade da escola em assegurar a igualdade de oportunidades de aprendizagem para todo e qualquer indivíduo, independentemente da sua condição social, econômica, religiosa, cultural ou outras.

Entendemos que trabalhar na perspectiva da diversidade cultural, significa uma ação pedagógica que vai além do reconhecimento de que os alunos sentados nas cadeiras de uma sala de aula são diferentes, por terem suas características individuais e pertencentes a um grupo social, mas é preciso efetivar uma pedagogia de respeito, valorização e, sobretudo de convívio com as diferenças.

Entendemos que um dos primeiros passos para isso, é colocar no cerne do processo educativo a questão da diversidade cultural. E este é o grande desafio da escola atualmente, o de desenvolver um projeto político pedagógico que estabeleça uma visão real da práxis pedagógica em relação à diversidade cultural, para poder transformar a escola e a sala de aula num ambiente de aprendizagem significativa, e mobilizar todas as competências dos

alunos. É certo que não vai ser um processo simples, mais se a escola adequar a sua postura às necessidades do seu contexto e tomar por base os elementos culturais dos seus alunos, os ganhos serão enormes.

Por fim, concluímos que se impõe à organização escolar no sentido de assumir um compromisso de pluralismo, promovendo a integração de todos os alunos independentemente de suas especificidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei nº 9.394/96. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática.** trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MANTOAN, M.T.E. **Ensinando a turma toda.** Pátio, Porto Alegre, ano 5, n. 20, p. 18 – 23, 2002.

PERRENOUD, P. **A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

SENRA, A. H. [et al.]. **Inclusão e singularidade: um convite aos professores da escola regular.** Belo Horizonte: Scriptum, 2008.

Abramowicz, A. (2006). **Trabalhando a diferença na educação.** São Paulo: Editora Moderna.

Aguado, M. (2000). **Educação intercultural e aprendizagem cooperativa.** Porto: Porto Editora.

Alarcão, I. (2004). **Professores Reflexivos em uma escola Reflexiva.** 3ª ed. São Paulo: Cortez.

Cuche, D. (2003) **A noção de cultura nas Ciências Sociais.** 2ª Edição Lisboa: Editora Fim de Século.

Gagné, R. M. (1999). **Como se realiza a aprendizagem.** Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação.

Gonçalves, L. A. ; Silva, P. B. (1998). **O Jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos.** Belo Horizonte: Editora Autêntica.